

# DISCUTINDO OS RITUAIS: AS AFIRMAÇÕES MASCULINAS EM SHOWS DE HEAVY METAL (CAMPINA GRANDE-PB)<sup>1</sup>.

Autor: Muryel Moura dos Santos<sup>2</sup> (PPGCS/UFCG/PB)

Coautora: Mércia Rejane Rangel Batista<sup>3</sup> (PPGCS/UFCG/PB)

## RESUMO

Durante a pesquisa realizada no mestrado abordamos o universo do Heavy Metal, quando analisamos as performances das bandas e a interação com o público. Destacamos que estas apresentam uma característica política de subversão, pois estão associadas não só a quebra iconográfica de símbolos sagrados, como também nos discursos de contestação ao *status quo*. No exercício descritivo de cunho etnográfico desse artigo demonstramos que esta máxima “transgressiva” é empiricamente irrealizável, no qual observamos contraditoriamente que se enfatiza os processos de conformação da diferença pela exacerbação da masculinidade. Nosso ponto central é destacar de que maneira os homens e jovens do Heavy Metal conformam as diferenças, uma vez que estes atores se projetam enquanto subversivos à moral dominante. Nesse contexto, recuperamos algumas situações (a forte presença masculina nos espaços de prestígio e status social, bem como a projeção destes sobre o lugar das mulheres na comunidade como um todo) que reforçam a posição privilegiada do elemento masculino e a ideia de que o Heavy Metal é o ‘paraíso’ dos homens.

**Palavras chave:** Heavy Metal, subversão e masculinidade.

## RESUMEN

Durante la investigación realizada en el programa de maestría, nos acercamos al universo de Heavy Metal, cuando analizamos las actuaciones de las bandas y la interacción con el público. Hacemos hincapié en que estos tienen una característica política de subversión, ya que están asociados no solo con la ruptura iconográfica de los símbolos sagrados, sino también con el discurso de contestación al status quo. En el ejercicio descriptivo de naturaleza etnográfica de este artículo, demostramos que esta máxima "transgresora" es empíricamente irrealizable, en la que observamos de manera contradictoria que los procesos de conformación de la diferencia se enfatizan por la exacerbación de la masculinidad. Nuestro punto central es resaltar cómo los hombres y los jóvenes de Heavy Metal dan forma a las diferencias, ya que estos actores se proyectan como subversivos a la moral dominante. En este contexto, recuperamos algunas situaciones (la fuerte presencia masculina en espacios de prestigio y estatus social, así como su proyección sobre el lugar de las mujeres en la comunidad en su conjunto) que refuerzan la posición privilegiada del elemento masculino y la idea de que el Heavy Metal es el "paraíso" de los hombres.

**Palabras clave:** Heavy Metal, subversión e masculinidad

## 1 INTRODUÇÃO

Ao iniciar os estudos na Antropologia social como aprendiz tive oportunidade de conhecer diversas e distintas abordagens. Em particular, a antropologia dos Rituais foi uma dessas que chamou atenção e lançou questões a serem pensadas acerca das manifestações apresentadas em contextos rituais. A dedicação a pesquisa e a investigação

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Mestrando no programa de pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFCG/PB). [muryel\\_moura@hotmail.com](mailto:muryel_moura@hotmail.com) - <https://orcid.org/0000-0003-1552-2189>

<sup>3</sup> Professora de Antropologia na Universidade Federal de Campina Grande (PPGCS/UFCG/PB).

bibliográfica foram importantes na medida que me permitiu avançar nos debates existentes nesse campo social. Foi a partir da teoria ritual das décadas de 1970 e 1980, que de fato, rompeu-se com a perspectiva que os ritos são “estáticos” e pertencem apenas a esfera cerimonial religiosa (Gluckman, 1971, & Turner, 1974). Claro que isso é um esforço de longa data nas pesquisas da escola britânica, já presente nos trabalhos de Bronislaw Malinowski (1884-1942) e Radcliffe-Brown (1881-1955). A minha perspectiva com este artigo é demonstrar que a teoria ritual pode desvelar dinâmicas que institui aos atores a estrutura, reforçando assim que nem todo ritual é sobre transcendência e emancipação mais sim acerca de realinhamentos.

Se a teoria ritual aponta para diversos significados que estes fenômenos sociais podem expressar, a minha pesquisa de mestrado sobre os membros do Heavy Metal alocados em Campina Grande-PB, demonstrou que os ritos operados entre esses atores tendiam a imprimir uma ordem ritual “organizada em linhas de acomodação” das diferenças (Goffman, 2011, p. 47). O que me fez questionar até que ponto a prática da comunidade do Heavy Metal se sustenta enquanto subversiva? será que geram alguma mudança a nível estrutural? – sabendo que esta comunidade do qual investiguei nasceu de uma resistência da classe trabalhadora inglesa frente aos avanços do capitalismo na Europa, marcados especialmente, pelo regime empreendido do Thatcherismo e sua pauta de extrema direita juntamente ao neoliberalismo, mesmo período que o Brasil vivenciava o regime totalitário da ditadura (Sena, 2019 & Silva, 2014). Ao longo do tempo que estive pesquisando a comunidade, observava que as práticas comuns se voltavam para uma resistência nítida contra a doxa dominante por atores alternativos e marginalizados a sociedade abrangente. A questão surge quando esta prática e o discurso dos participantes produzem pouco impacto para pensar numa via de escape possível das relações de poder estruturais, apesar desse aspecto quase incontornável na vida social, este estilo musical varia entre o idealismo da subversão e sua ação incompleta de emancipação nos rituais.

Recentemente, comecei a descobrir alguns trabalhos que se detiveram a abandonar, perspectivas analíticas essencialistas sobre o Heavy Metal, que tratavam de elementos, digamos, “exóticos” da identidade Headbanger<sup>4</sup> - entretanto isso não retira a importância dessas pesquisas, muito menos faz de outras melhores por seu criticismo e trabalho de campo. Porém, não se pode esquecer que somos atores sociais dentro da dinâmica da sociedade, isto é, as relações de poder que operam na sociedade também

---

<sup>4</sup> Categoria nativa para membro da comunidade. O termo Metaleiro ou roqueiro possui conotação pejorativa e, portanto, não usaremos.

geram e produzem impacto na prática das identidades, conforme Stuart Hall (2006) havia indicado em seu trabalho, as identidades devem ser entendidas contextualmente e historicamente. considerando isso, estamos analisando uma dinâmica muito maior a partir do qual a mudança mobiliza os atores para uma prática social complexa permeada por arranjos e negociações às relações sociais.

Contudo, os estudos encontrados por exemplo nos autores: Max Gluckman (1963) e Victor Turner (1974), apresentam por um lado ritos que “imitam” mudanças estruturais nos papéis, na verdade realçam a necessidade da ordem social, por outro lado, tais ritos se fazem fecundos por seu caráter de passagem de uma fase social para outra, realçando assim para nós o potencial revelador de análise dessa teoria. Rituais caracterizado nessas perspectivas são essenciais para a “cultura”, pois reforçam suas bases simbólicas nas mais distintas práticas dos atores, a saber, quando ia aos shows de Heavy Metal observava a possibilidade dos jovens produzirem mudanças, seja no discurso ritual contestador do *status quo*, ou seja na estética subversiva como forma de repudiar as estruturas dominantes da sociedade (KAHN-HARRIS, 2004).

Foi mediante a leitura do campo, bem como revistas que circulavam na comunidade que pude observar que tais práticas não se realizavam no empírico. Assim, o ritual se revela enquanto uma instância da vida social mais abrangente, identificando nas práticas sociais elementos norteadores para realinhamentos e não a ruptura do que eles chamam de *Break the law*. Entretanto, a teoria ritual mostrou que há práticas que buscam (re)produzir esses paradigmas, desse modo penso que análise dos ritos tem plausibilidade em compreender tais ações dos atores, especialmente amparado na observação participante que venho desenvolvendo ao longo da minha trajetória acadêmica e refletindo sobre esse fenômeno social. Para isso, Minha proposta nesse trabalho é apresentar de que maneira a prática subversiva dos membros do Heavy Metal, se mostram irrealizáveis e desse modo me empenho a analisar as relações sociais dessa comunidade. Realizo esse empreendimento de pesquisa através de um esforço etnográfico que focará nas práticas e discursos desses atores localmente, dando nos assim uma dimensão desse fenômeno cultural. Para isso o artigo se divide em três partes, a primeira: realizo uma breve discussão teórica da interação ritual; na segunda: narro algumas situações que identifico de caráter subversivo e sua contradição; na terceira: trato do realinhamento das práticas subversivas à ordem.

## **2 ALGUMAS NOTAS PRELIMINARES**

Quando iniciei a pesquisa no mundo social do Heavy Metal, em meados dos anos 2015, observava os membros tanto vestindo roupas com símbolos satânicos quanto discursos nos palcos que conotavam a queda do cristianismo pelo satanismo. Acerca disso, no percurso de pesquisa vários indivíduos (da sociedade) afirmavam que este gênero musical era, precisamente havia dois pontos centrais desses discursos: a primeira metáfora utilizada se balizava na ideia do satanismo, no sentido que todos os membros eram praticantes dessa religião, uma implicação que os próprios membros reconhecem a possibilidade de serem associados com essa chave estigmatizada e a segunda metáfora que costumava escutar se baseava na perspectiva de a comunidade ser violenta, pelas suas formas de manifestação com o corpo<sup>5</sup>.

Parte dessas narrativas eram vivificadas pelo senso comum e pelas mídias digitais que, segundo o trabalho de Ian Christie (2014) afirma que esta estereotipação dos adeptos se deu pelo diferencial identitário do Black Metal<sup>6</sup>, precisamente trazido da Noruega, destacava-se nas notícias que os membros desse estilo musical praticavam cultos violentos/satânicos e em prol da exaltação de Lucifer estariam incendiando as igrejas construídas na idade média, ataques como esses eram justificados por eles como negação ao cristianismo em terras pagãs, possuidoras de uma ancestralidade que se via desvanecendo e, portanto, precisava ser retomada (OLSON, 2008).

Embora esses aspectos midiáticos tivessem relevância, Olson (2008) afirma que parte desses elementos se compõem numa mística muito maior que opera no Metal e que revela uma natureza da prática obscurecida por pesquisadores e membros. O autor destacou ainda no seu trabalho, detalhes acerca da misantropia, individualismo, ódio, conflito, assassinatos e conspirações com visões fascistas que circularam nesse mundo social, especialmente destacado pelo grande expoente desse subgênero Varg Virkenes. A minha pesquisa de campo demonstrou que não finda por aí, baseados nos estudos que realizei na cidade de Campina Grande-PB e estados vizinhos, identifiquei a existência de práticas conformativas das diferenças que se articulavam com perspectivas estruturais (SANTOS, 2019).

---

<sup>5</sup> Categorias nativas: Circle pit: ato ou ação de correr em círculo se esparrando/empurrar um no outro. Bate cabeça: refere-se ao movimento para frente e pra trás com a cabeça, balançando os cabelos.

<sup>6</sup> Categoria nativa para um dos subgêneros do Heavy Metal. Para além dos ataques as igrejas o Black Metal da Noruega é marcado pelo assassinato de um membro conhecido pelo pseudônimo de Euronymous, utilizado por Øystein Aarseth morte pelo colega de banda Varg Virkenes. Euronymous, segundo conta Kahn-Harris (2007) tinha visão política de esquerda, algo que não agradava Varg Virkenes, inclusive a posteriori se revelou um nazista assumido em suas redes sociais.

A pesquisa de campo evidenciou esses elementos essenciais que não podem continuar ocultos as discussões. Embora muitos pesquisadores e pesquisadoras olharem para o Heavy Metal enquanto um campo “harmônico”, se isso existe, esta se fez com a naturalização das desigualdades. Nesse sentido, o objetivo com este trabalho é realizar uma análise concatenada as relações dos atores dessa comunidade, para isso, farei uma investigação pensando situacionalmente a interação ritual e o que esta pode nos revelar da comunidade.

Dessa maneira, empreendo um esforço de análise acerca das interações realizadas nos shows e momentos ordinários que caracterizo como ritualísticos dos atores. Conforme, Goffman (2011, p. 60) argumenta, o ritual representa tanto uma forma de proteção dos atores, quanto maneira deles projetarem implicações “simbólicas de seus atos enquanto estiver na presença imediata de um objeto que tenham um valor especial para eles”, nesse caso, penso os espaços dos shows. No entanto, isso não impede aos atores envolvidos projetarem no campo criatividade, arranjos e negociações que são próprias da vida política social. O interacionismo simbólico de Erving Goffman apresenta o ritual enquanto uma ação constantemente vigiada e avaliada nas experiências sociais.

Esta perspectiva analítica apresentada acima, possibilita demonstrar o ritual enquanto uma prática dinâmica, destaca ao contexto ritual um complexo de estratégias e arranjos dos quais os atores (re)produzem constantemente. Desta maneira, o ritual tem caráter fluido, pois ele não se determina no exercício de uma função muito menos em comportamentos enquadrados – o ritual consiste numa prática que está ligada ao quanto o ator consegue manter sua coerência ritual, significa também a capacidade que este suportará de questionamento e dúvidas imprimidas pelos outros sobre sí, como forma de avaliar sua prática em determinada situação, isto é, as relações mudam diante as lógicas dos atores.

A antropóloga Mary Douglas (1976, p. 76) afirma que a análise que contempla as situações ordinárias é um mérito da investigação de Goffman porque passa-se a perceber a dimensão temporal cotidiana, Mary Douglas ressalta ainda que as situações particulares que encontramos nessa dimensão, se dá pela percepção do ator sobre sua integração na totalidade, isto é, “comportando-se por referência aos outros conforme certos modelos de comportamentos que permitem como se dará suas relações sociais”. O argumento da autora afirma que atores possuem uma forma de consciência da estrutura social, relacionam as suas ações como simetrias e hierarquias que enxergam nela, a possibilidade de impor aos outros a sua visão da estrutura. Deste modo, acredito que esta teoria destaca

características ritualizadas do qual pude observar operarem nos shows locais dos quais analiso a seguir.

### 3 NARRANDO ALGUMAS SITUAÇÕES RITUAIS

Em meados dos anos 2006 e 2007, pude presenciar um show de Heavy Metal pela primeira vez em minha cidade. Nesta época recordo que contei aos meus amigos da zona oeste que iria a um show de Metal, no qual haveria a apresentação de bandas de subgêneros diferentes, a saber: Thrash, Death e Black Metal. Nessa conversa com eles, fui alertado ao caráter do show possuir bandas de Metal Extremo, cujo foco se basearia numa apresentação que me causaria choque, algo que somente foi possível entender quando estive no meio da audiência assistindo as performances em palco. Alguns dias após os conselhos, chegava o dia do evento e lá na frente da casa de show, identifiquei que a audiência era formada por maioria de jovens e adultos.

Ao abrir dos portões da casa de show, o pessoal que estava fora de diferentes gerações, embora marcado pela presença jovem se dirigiam a entrada, na qual era realizado uma revista feita por parte de alguns seguranças. Em seguida, os Headbangers ali envolvidos corriam para acompanhar a apresentação, frenética da primeira banda de Thrash Metal. Na ocasião, observei vários membros batendo cabeça, próximo ao palco e pedindo aos músicos que algumas canções fossem tocadas, bem como observava os músicos elogiando a audiência e as bandas presentes naquele show, havia também de alguns da audiência subir no palco sem nenhuma restrição, tanto realizar o mosh<sup>7</sup>, quanto para cantar no microfone. Demonstrando por um lado, uma certa intimidade e ausência de barreiras entre palco e audiência, observava por outro lado os membros cumprimentando uns aos outros numa espécie de “disciplina dramática” (GOFFMAN, 1969, p. 198).

Estava observando tudo, afinal tudo aquilo era novo para mim, apesar de ter iniciado anos antes desse evento como apreciador do estilo musical. Na segunda apresentação chegando à noite, começava a performance da banda de Black Metal, fato que me fazia lembrar dos avisos dos amigos. Inicialmente pensei que não haveria tanta coisa diferente da apresentação anterior e muito menos aquilo que me foi dito, até o momento que alguns integrantes dessa banda se dirigiram a soleira do palco com a audiência, colocando fogo numa cruz que tinha aproximadamente dois metros de altura,

---

<sup>7</sup> Categoria nativa para ação empreendida a partir de participantes da audiência (via de regra), subindo ao palco e pulando para o público.

suspensa por um tipo de pedestal. No entanto, aquela cruz não era uma cruz normal, ela era preta e estava invertida, o tamanho, a cor e a forma como estava posicionada era totalmente contrária ao que observava no cotidiano. Tendo esses preparativos iniciais, as luzes diminuíram ao mesmo tempo que surgia uma música de fundo tensa, com sonoplastia que lembrava ventos, chuva e gritos de uma pessoa agonizada.

Quando a música de fundo passou o guitarrista e vocalista pegou uma tocha com fogo e cuspiu álcool nela espalhando as fagulhas da tocha pra fora, muitos da audiência gritaram em exaltação aos atos que estavam se configurando como blasfemos ao cristianismo, até o vocalista pôr fogo na cruz invertida por completo, produzindo um momento maior de euforia entre os que estavam presentes. Essas ações de cunho subversivo se repetiram nas outras performances com discursos do tipo “morte ao cristianismo”, “Deus está morto” e “hail Satan”, as canções da banda mostravam se contrarias a religião judaica cristã.

A terceira e última banda daquele dia era do estilo Death Metal do sul do país. Esse momento era muito aguardado pelo fato dessa banda ser referência para muitos membros e músicos, por seu longo histórico de atuação no cenário brasileiro. Ao iniciar a apresentação aconteceu de tocar novamente a música de fundo, prática que apareceu para mim como rituais de iniciação à apresentação (Goffman, 2011). Após alguns minutos a banda inicia levando vários membros ali se dirigirem atenção para eles, muitos gritavam e outros exaltavam os músicos, tanto ouvia os músicos devolverem os elogios através de discursos que remetiam uma irmandade/fraternidade, quanto eles faziam elogios aos produtores dos eventos.

Como uma prática reiterada observava se repetindo as blasfêmias – com símbolos tomados por eles como satânicos e anti cristãos, alertando que a entrada de cristãos conhecidos como *White Metals* não era bem-vinda, fato que hoje ainda ocorre – as apresentações das bandas. Isto é, se articulavam como símbolos políticos (Turner, 1967), assomado a outros como das canções que tratavam sobre corrupção e guerra, como também: caça aos fracos, satanismo e morte ao cristianismo, propriedades estas que denotam bem os estilos musicais que se apresentaram na cidade – identifico que estes fatores se instituíram como tradicionais para os homens, estes são pontos frequentes nos discursos e nas práticas deles (WANDERLEI, 2006).

Embora, este show fosse realçado pela camada de fraternidade pelos seus membros, observei que havia diversos grupos que se formavam na casa de shows. Mostrando para mim, uma fragmentação, especialmente, quando enxerguei uma tentativa

de um jovem cumprimentar um outro membro mais antigo e ficando no “vácuo”. Esse fato a posteriori foi sendo revelado ao desenrolar da minha estada na comunidade, membros afirmavam que havia muitos Headbangers que eram “boçais” e tinham um grupo restrito com que mantinham relações. Esse aspecto tinha tanta notoriedade que alguns músicos passaram a incentivar e julgar membros da comunidade que preferiam pagar caro por shows de bandas gringas do que pagar ingresso para as bandas locais, isto é, dava preferência aos grandes shows, como sendo uma forma de não se misturar – cabe dizer, no Heavy Metal, há vários subgêneros que poucas vezes se interpelam de maneira a participarem dos mesmo shows, isso localmente, marcando uma fragmentação entre participantes que possuem gostos musicais ecléticos. Entretanto deve-se considerar o tempo e espaço em que as relações da comunidade se dão, pois este aspecto demonstra a tensão dos campos sociais de poder (BOURDIEU, 2001).

A ideia de Heavy Metal, compreendida por várias pesquisas indicam este estilo de vida como subversivo aos valores dominantes. Desde então, tenho observado uma comunidade auto emulativa de suas práticas, ressaltando as performances que levam a sério seu estilo de vida, “subversiva” e engajada como prática de uma identidade social verdadeira e autêntica. Destacando aqueles que são dignos de pertencer dos que não são dignos, parte disso ficou marcado com as categorias<sup>8</sup> de *poser* (falso) e *truer* (verdadeiro) fortemente aplicadas e compartilhadas por seus membros (SANTOS, 2013, 2019 & WANDERLEY, 2006).

Conforme Ian Christie (2010) argumenta o Heavy Metal desenvolveu na história um legado tomado por seus fãs como guerreiros e heróis que devem lealdade ao rei – Heavy Metal – e como dever protegerão suas terras dos invasores cristãos. Diversas canções e apresentações locais fazem uma salvaguarda dessas características, especialmente, de um passado guerreiro e bravo dos homens. A imagem comum instituída pelas grandes mídias do período medieval, se baseava em homens com armas e mulheres no campo, reverbera nas relações da comunidade, pois os homens estão no palco discursando enquanto guerreiros quando as mulheres não fazem parte do espaço de prestígio social. Em algumas situações, isso implicou na contestação como sinônimo da identidade da masculinidade e misoginia entre eles. Eis aqui uma maneira encontrada de unir o discurso – somos guerreiros – e a prática, esta exacerbação da masculinidade que encaixa os papéis rituais é dado empírico da exacerbação da masculinidade na

---

<sup>8</sup> Categorias nativas. A saber: *truer* se designa aquele membro que segue as ideias da comunidade fielmente, *poser* se caracteriza ao membro que performa ser Headbanger mais não é, o *poser* é o contrário de *truer*.

comunidade, fato que nunca observei sendo discutido dentro do Metal, como espaço hegemonicamente masculino (COELHO, 2014). Como foi dito acima, estes atores sociais discursam dentro de um leque de tópicos que causam choque e podem ser compreendidos como iconográficos a visão comum cristianizada. Entretanto, estas práticas não produzem mudanças significativas na comunidade, como apresento a seguir.

No ano de 2018, ocorreu uma excursão criada por uma banda local que tocava na cidade vizinha, esta disponibilizou algumas vagas na van, da qual consegui uma vaga para acompanhar os membros, encontrei alguns músicos que já esperavam pela partida no centro da cidade, lá eles estavam conversando sobre política, alguns afirmavam que não compactuavam com a proposta do candidato da extrema direita, outros negavam a esquerda porque consideravam esse tipo de política obsoleta, considerando-se liberais. Observando o membro conhecido pelo pseudônimo de Franco, este membro me apresentou a casa de show da qual não conhecia, ao sair do local onde se realizava as apresentações, Franco relatou que o espaço do show era utilizado pelo pessoal alternativo e que diversos grupos se encontravam por ali. De fato, quando se iniciou show e todos adentraram no ressoito, identifiquei que havia em algumas paredes da casa, frases que retratavam que o machismo tira milhares de vidas de mulheres e homossexuais todos os dias. Apesar desse espaço ser caracterizado como político, as bandas que estavam tocando para um público aproximado de 50 pessoas falavam;

- Pau no cu de Bolsonaro!

- Filho da puta fascista!

e

- Bolso vai se fuder!

A despeito da ideia de subversão, a problematização do contexto vivido não reverberou em outros eventos dos quais pude participar e observar as apresentações das mesmas bandas. A comunidade local produz nas interações uma série de ações singulares as situações em que se tenta manter o discurso e prática em sintonia com os demais membros. Muitos daqueles membros naquela ocasião pertenciam a classe média e classe média alta, estudantes e professores de cursos de exatas e humanas, aparentavam estabelecer boas relações fora e dentro do Heavy Metal; tinham uma faixa etária entre 18-40 anos; alguns moram com os pais numa cidade tomada pelo conservadorismo como de Campina Grande; estabelecem relações via redes sociais, contribuindo na circulação de

informação de temas como citados anteriormente na comunidade, algo que ocorre também em grupos de Facebook e WhatsApp.

Nesses espaços também de troca de informação quanto de compartilhamento identitário, encontrei um material interessante que destaca alguns desses levantamentos que apresentei aqui. Um exemplo nessa direção poderia ser o fanzine<sup>9</sup> local, do qual adquiri por um rapaz que comercializava a revista num valor de 10 reais num show, produzido na cidade. Numa das primeiras páginas o editor fala:

Ao contrário do que muitos queriam, o zine (...) está de volta e ainda mais profano e satânico do que antes. Nesta segunda edição optei por um layout mais cru e menos trabalhado, com cara de fanzine mesmo. Estamos aos poucos dando forma ao nosso artefato anticristão para que o mesmo cresça a cada edição, espalhando a mensagem satânica e obscura desta arte/filosofia de vida tão bela que chamamos de Black Metal. (Nosso arquivo)

O editor deixa claro suas intenções e sua postura radical para com o cristianismo, o que fora dito por ele realça a ideia de “subversão” aos valores dominantes como também ocorre nos shows. O autor deixa nítido que antes e atualmente o Zine está mais satânico, como modo de demonstração que se manteve enquanto tal para infelicidade de “alguns”. Em outra revista produzida pelo mesmo membro surge contradições nos discursos, inclusive parte dos relatos dessa edição foram considerados racistas e de cunho fascista por alguns Headbangers que leram a revista – e que aqui focarei na perspectiva machista e misógina encontrada nela. Na introdução já nos é revelado o teor das entrevistas e impacto que pode causar aos leitores:

Antigamente era bonito de se ver mulheres fazendo movimentos e lutando por seus direitos, todas juntas em marcha bem vestidas com comportamento exemplar, hoje em dia nesta realidade pós moderna as mulheres lutam por seus direitos de forma deprimente e lamentável usando termo como por exemplo, “MARCHA DAS VADIAS” (se elas mesmas se chamam de vadias, que tipo de respeito querem exigir da sociedade) e ficam com gestos obscenos, nuas nas ruas etc... esse é o tipo de protesto válido para se exigir direitos civis ou igualdade social? Como você pode enxergar esse tipo de situação e a mulher em si dentro e fora do underground e principalmente na nossa sociedade? (Nosso arquivo)

Esta entrada era um presságio do que estaria por vir como bem avisou o editor. Na primeira entrevista já se identifica alguns elementos machistas no discurso tanto do editor local quanto da banda entrevistada que destaca isso em sua resposta a seguir:

O mesmo aconteceu nos anos 70, quando todas essas putas de esquerda queimavam seus sutiãs, que protesto, haha! agora tem essas bobagens feministas que novamente está morrendo por causa da indiferença pública em

---

<sup>9</sup> Categoria nativa para revista produzida por membros da comunidade.

seus discursos e palhaçadas. Eu não confio nas mulheres, sua natureza é agir de acordo com seus sentimentos e não com cogitação. Elas devem entender que seu papel é a maternidade e a educação infantil. Quando se aprofundam em diferentes esferas, o desastre ocorre. (Nosso arquivo)

Outra banda de origem russa participava do fanzine local e responde a mesma questão:

Nunca fui interessado em problemas de feminismo. Estas são mulheres tão feias que constantemente estão insatisfeitas com tudo. Parecem-me que tudo isso é merda esquerdista! O feminismo é uma invenção judaica destinada a destruir a instituição da família europeia branca. Eu sou completamente negativo nessa tendência. Este fenômeno não está muito desenvolvido na Rússia. Embora em redes sociais as vezes, publiquem merdas feministas – principalmente especulando sobre problemas cotidianos. Mas no ocidente o feminismo, pode-se dizer, conquista triunfalmente as mentes. Não apenas o feminismo que triunfa, mas também o sexismo feminino. Aqui, como sempre, é fácil adivinhar a trilha judaica que leva um homem branco a degradação e transformação de homens em vegetais fracos. O objetivo é claro – quando os muçulmanos, com os quais as cidades europeias estão cheias, forem cortadas suas famílias não poderão resistir a elas. (Nosso arquivo)

O editor questiona a banda:

O que você conhece do brasil, em termos de Metal e NSBM (Nacional socialista Black Metal), quais as bandas brasileiras que te chamam mais atenção, o que tens escutado de NSBM daqui ultimamente? (Nosso arquivo)

Resposta da banda russa:

Eu estou bem familiarizado com a cena extrema brasileira, desde que eu era adolescente. Não vou especificar ninguém, so vou dizer que no brasil eles sabem como tocar Metal. Por sinal, recentemente participei de um concerto da banda brasileira Nervosa (banda formada por mulheres) - essas garotas são gostosas. (Nosso arquivo)

Esta é uma maneira encontrada por alguns membros para exporem suas posições políticas bem como acentuar o machismo e a misoginia no Heavy Metal. De fato, as observações desse tipo são operadas tanto pelo editor/ entrevistador quanto pelas bandas, deve-se se ter em mente que a entrevista é conduzida por questões previamente elaboradas, ou seja, elas tem o caráter definido e objetivos claros, ambos os lados nesses trechos tramam os discursos que produz uma sintonia das ideias. Nessas visões caracterizadas pelo machismo e pela misoginia foram elaboradas objetivamente, mas na realidade se põem subjetivamente nos discursos dos membros, não assumindo que tais ações preconceituosas existam na comunidade, oculta-se assim as diferenças sem espaço para debate.

Esta prática de evitar a discussão, pode ser compreendida como uma maneira de conformar as diferenças e nesse caso do fanzine evidencia uma postura conservadora de

direita entre os membros. Ultimamente, pós eleição 2018, mulheres que participavam desses meios, geralmente mulheres brancas, de classe média, relatavam os desafios de ser Headbanger nos shows, não concordando com visão do tipo descrito acima, e tendo como efeito, ser atacada por conta da posição contrária por alguns membros. Tal exemplo disso, foi a banda russa que conhecia as bandas brasileiras, especialmente, a banda feminina conhecida pelo nome Nervosa, não pelo talento musical e artístico mais pelos corpos delas caracterizando-as de “gostasas”, estes pontos identificados demonstram nitidamente as contradições existentes na comunidade, embora parte disso no campo não seja falado entre os homens abertamente (SANTOS, 2020).

#### **4 ACERCA DO REALINHAMENTO SOCIAL**

Após alguns anos do evento descrito acima, aproximadamente em 2009, ocorreu um show na capital. Este show também seria importante pra mim na época, pois este era minha primeira saída da cidade para prestigiar um evento fora. Apesar de saber que haveria uma excursão, já era tarde para tentar uma vaga na van, entretanto, isso não me impediu de se dirigir a rodoviária e comprar as passagens como fora feito. No local do evento, como de costume fiquei esperando na frente da casa de show, esperando a abertura, nesse momento, vários veículos estacionavam próximo do local<sup>10</sup>.

Quando finalmente foi liberado a entrada, pude ter acesso ao espaço de maior sociabilidade entre a audiência, lá dentro havia um bar, ao fundo tinha um palco, no qual os músicos se empenhavam na afinação e finalização para iniciarem as performances em palco. Durante seis horas de show, explorei todo recinto, no qual identifiquei algo interessante que vale destacar – vos adianto que tal fato ainda se repete, as mulheres não participam dos espaços de prestígio como do palco, todas as apresentações eram realizadas por homens. As mulheres estavam na ocasião vendendo ingresso na bilheteria; no bar servindo os clientes, cuidando dos filhos enquanto o pai curtia e tocava quando tinha participação de sua banda, os seus filhos brincavam de bater cabeça, imitando o pai músico – algo que poucas meninas fazem, ao menos foi raro nas apresentações enxergar ações do tipo ocorrerem com maior frequência.

As atividades dos homens eram voltadas ao trabalho braçal numa parte, no manejo dos equipamentos de som e parte na logística organizando o palco para as performances,

---

<sup>10</sup> Estas excursões são feitas geralmente, por bandas que vão tocar nessas cidades, tendo em vista diminuir os custos, se abre para os membros da comunidade (fãs) que desejam ir ampliando também o número de pagantes no evento.

em algumas situações foi comum também enxergar eles fazendo papel de segurança da casa e por fim, o papel principal, realizar as apresentações. Cabe dizer, que há uma predisposição de evitação dos palcos as mulheres, especialmente, acerca da tensão que gera nos atores do campo questionar e discutir a presença feminina enquanto coadjuvante local – fato identificado na minha pesquisa de campo por diversos locais na cidade e estados vizinhos.

Baseado no trabalho teórico de Frehse (2008) a tensão produzida pela presença feminina nos palcos aqui, modifica o “território dos self” que marca fisicamente e situacionalmente as interações como medida de salvaguardar a imagem do self que se realizam por meio das interações com os demais. Para isso os homens instituem reiteradas vezes elogios ao seu campo um teor de hombridade, algo observável nos discursos dos membros acerca da honra de comungar de um espaço de irmãos, a fim de demonstrar o poder do seu ímpeto masculino aos membros, prática que para alguns é motivo para caçoar e outros exacerbar suas pretensões. O fato, de produzir, portanto, tensão e desconforto nos membros, tais ações localmente, acentuam característica de um espaço masculinizado, no qual os membros interagem de maneira fraterna entre irmãos, ao mesmo tempo que reconhece os membros homens como “brothers” vela a diferença entre os gêneros como descrevo na situação a seguir.

No ano de 2018, viajei com os membros da comunidade para um show localizado em Recife-PE, em que haveria apresentação de bandas internacionais como atração da noite. Na fila para entrada na casa de show, observei as brincadeiras que se desenvolvia por parte dos membros da excursão que acompanhei ganhar forma, no tom jocoso eles tramaram uma para “pegar” Marcelo, a escolha foi clara para todos, ele era o arquétipo “perfeito” de Headbanger, pois ele não escutava outra coisa que não seja Metal, mostrando engajamento e comprometimento com as atividades da comunidade (SANTOS, 2020).

Eles estavam conversando sobre as roupas que as mulheres iam aos shows, enquadrando precisamente, aquelas que vestem roupas com características militares e possuem uma postura de “durona”. Ao saberem que Marcelo não tinha “papa na boca” falando do mais belo a pior cantada machista, não temia receber um não, ele foi coagido pelos colegas a tentar aproximação de uma mulher que se “encaixava” nessas características. Observando a confiança dele se dirigindo ao encontro da mulher, terminou com ela sinalizando negativamente com a cabeça, demonstração clara de desinteresse,

levando-a sair do local com os amigos como medida de evitar a continuação da conversa com ele.

Na comunidade local, os membros rotineiramente falam sobre Marcelo e suas cantadas, tanto feitas por um discurso de caráter machista quanto as inúmeras situações de vergonha que passa quando tenta aproximação de mulheres seguindo conselhos de outros. Marcelo caracteriza esse espaço social em que os shows de Metal se processam enquanto exímios para manter o discurso e prática de sua fachada de macho alfa. Existem alguns estudos que atentaram para esta questão no Heavy Metal (Weinstein, 2009 & Pacheco, 2006), situações como as descritas aqui se repetem em níveis diversos no Heavy Metal. Weinstein (2009) argumenta que no Heavy Metal britânico há uma masculinidade cultural, compartilhada por todos que participam desse meio, para ela a questão da masculinidade está para além da perspectiva binária, acredita na capacidade dialógica da música popular, mediada por contextos históricos, notadamente, esta masculinidade cultural que nasce da cultura juvenil na Inglaterra.

A autora, afirma que isso criou um código singular entre os seus membros representantes ideológicos da masculinidade, isto é, as práticas desses atores são tomadas de sinais de masculinidade, a saber: o instrumento – guitarra – enquanto representação fálica expressa a máquina que está sobre o domínio do homem. Sobre o aspecto da dominação masculina Pacheco (2006) afirma que há códigos essenciais que nos permitem compreender esse mundo, o primeiro é o som, no qual encontra-se a agressividade e o peso da atmosfera musical, o segundo se volta a estética como mediadores da masculinidade que imprimem relações de poder, definindo lugar e posição que os atores devem ocupar em alguma medida na comunidade.

De fato, as relações na comunidade nos indicam uma masculinidade cultural, mas que, no entanto, não pode ser romantizada, pois institui relações também de poder e nessas as mulheres são enxergadas como adorno a esse tipo de sociabilidade que se encontra nesse campo social. Por exemplo, Marcelo é amigo de grande parte da comunidade, ele esteve presente em quase todos os shows que pude participar, diversas vezes observei-o compartilhando bebida aos amigos e oferecendo aos desconhecidos; falando acerca dos melhores shows; dando dicas de música e desse modo sendo fraterno com os membros locais, mesmo que reiteradas vezes este ator erre ele poderá ser aceito pelos irmãos, no entanto, esta prática não pode colocar a imagem do “*brother*” em jogo – isto é, ele não busca se envolver com mulheres próximas aos irmãos, são elas interditas enquanto há relacionamento.

Weinstein (2009) afirma que deve-se entender as relações do Heavy Metal, a partir do contexto social do tempo e espaço, entretanto, a minha pesquisa indicou que as diferenças existentes e tensões produzidas pelas relações de poder operem constantemente, pois todo campo social é campo de interesse e poder, no qual se tenta um subjugar o outro, sobretudo, para manter por mais tempo a dominação (Bourdieu, 1998). Assim, os Headbangers se caracterizam rebeldes e não revolucionários, os membros aceitam a ordem e a regência das coisas contidas nela. A disputa deles por reconhecimento, prestígio e status são instrumentos do poder simbólico que anseiam instituir as interações, conforme Gluckman (1971, p. 24) afirma “todo sistema social é um campo de tensões, cheio de ambivalências, cooperações e lutas contrastantes”, o autor argumenta ainda, mesmo que o tempo passe e o espaço mude, produzindo realinhamento dos atores não significa uma mudança radical do padrão estabelecido.

Esta perspectiva rebelde e não revolucionária sobre o realinhamento dos atores me parece formas políticas da organização dessa comunidade. Para alguns membros, a política não existe, muito menos ajuda o relacionamento que se faz entre eles, pois a política separa e não reúne a comunidade em prol da causa do Metal. Por exemplo, alguns documentários do canal da *Youtube* como *Heavy Metal on line* (2016, 2017 & 2019) destacaram os discursos dos entrevistados afirmando quando defrontado sobre a política no Metal, se disse:

- Só posso responder o que acontecer dentro do Metal!
- A política está segregando a cena por preferências políticas!
- Amizade entre Headbanger é muito maior que isso (política)!

Estes pontos são importantes pois acentuam as conformações com a diferença nas relações sociais, sobretudo, por uma sacralidade à música.

Uma situação caracterizada nessa direção pode ser evidenciada a partir do que experienciei na comunidade no ano de 2018, período eleitoral, numa conversa despreziosa acerca de alguns Headbangers estarem se assumindo de extrema direita em suas redes sociais com um membro, no qual haviam posts que negavam a política do PT e de direita. Inclusive alguns membros costumavam caçoar de um membro chamado George por sua posição política não compactuar com as deles, George reconheceu as implicações que tal governo traria e que o Metal não poderia se curvar ou mesmo seguir aquela forma de conceber o mundo, para ele era inconcebível no Heavy Metal existir pessoas que dialogassem com a direita conservadora.

No entanto, ele revelou não estar disponível para grandes mudanças em si, discordava dos jovens eleitores de direita, mas assumia compactuar com os valores cristãos tão presentes e divulgados pelo candidato à presidência. O discurso desse membro foi sintomático, pelo fato paradoxal de sua análise política negar o conservadorismo, ao passo que reconhece afirmando:

- Há uma coisa pela qual eu admiro e sigo, a moral cristã!(SANTOS, 2019, p. 14).

Essas e outras situações indicam que a política da organização se limita a rebeldia e propõe pouca mudança a curto ou longo prazo a sociedade abrangente. Isto é, se projeta uma perspectiva rebelde da música, ao passo que reforça os valores estruturais, embora este, contraditoriamente, apareçam ancorados no idealismo subversivo sua prática é irrealizável.

George ao que tudo indica não deixa claro isso para todos da comunidade, isso seria motivo para alguns mais atentos as práticas cristãs pressioná-lo acerca de sua afirmação. Ambiguamente, o editor (do fanzine) e George escutam música contrárias ao cristianismo, no caso do editor temos aí símbolos e testemunhos que negam esta religião dominante no seu fanzine impresso. De fato, se os Headbangers estão interessados em alguma mudança a nível estrutural, isso me parece improvável e nebuloso. A subversão dos valores morais dominantes é operada pela própria comunidade e esses valores terminam fazendo com que os próprios membros organizem, exaltem e guiem suas práticas por estas premissas (BOURDIEU, 1987)

Os membros do Heavy Metal discursam sobre essas questões tão importantes para a comunidade até o momento que se veem desafiados. Como se sabe, o machismo e a misoginia fazem parte de uma cosmologia maior que atravessa a sociedade abrangente e pode ser encontrado no Metal, afinal, esta comunidade não está fora da sociedade. A rebeldia institui a possibilidade da crítica, porém impede a concretização no empírico de suas ideias, parte do que se discute aqui, já vem se processando ao longo da história do Metal, no entanto, tais ações ainda de pouco impacto têm sido combatidas por práticas coletivas que tem surgido na comunidade como o MRU<sup>11</sup>.

Tendo em vista a minha longa como pesquisador em campo, passei a perceber que os Headbangers com que estive em contato, saíram da comunidade e assumiram postos de trabalho como motoristas, vendedores, bem como se tornaram pais tiveram com suas

---

<sup>11</sup> Página do *Face Book* que busca denunciar práticas contrárias ao Metal: <https://www.facebook.com/mov.resistencia.underground/>

companheiras filhos e filhas, porém mulheres de fora da comunidade – pois frequentemente elas são adorno ou objetos de ficas/paqueras e aventuras e não de laços duradouros, poucos foram os relacionamentos que perduraram ao longo do tempo. Se há uma resistência ao combate de práticas do tipo esta não é organizada, como estas situações demonstram, portanto, estas práticas dos membros não são debatidas enquanto prática machista e daninha as diferenças na vida social. Conforme Bourdieu (1987, p. 99) afirma o senso prático são “princípios que impõem a ordem na ação” da vida cotidiana, princípios de classificação e hierarquização do que é importante e do que não é, a partir disso os membros desse estilo musical definem seus horizontes que impedem de propor um ritual de subversão se efetive completamente (BOURDIEU, 1987).

Ao analisar a comunidade do Heavy Metal na minha pesquisa, identifiquei que se trata de uma comunidade rebelde e não revolucionária, cuja prática “subversiva” é irrealizável como até aqui tentei apresentar. Segundo Gluckman (1971) afirma os rituais de rebelião se desenvolvem mediante uma ordem social estabelecida, sem colocar como questão, isto é, estas práticas apresentam compreensão da ordem estrutural. Pois tais ações nos rituais desvanecem a característica de emancipação de uma política por outra, essa forma observei operar em diferentes contextos e situações do campo, como compreende Gluckman (1971) este ato de rebelião é uma demonstração aberta e privilegiada de obscenidade que são evidentes na estrutura social e na psique individual, o que institui nos atores do Heavy Metal agirem consciente ou inconscientemente de acordo com práticas dessa natureza.

A proposta teórica do ritual e do realinhamento identifica a reprodução de certos preconceitos, ao passo que percebe tais práticas não questionáveis, isso é, os direitos e deveres permanecem assegurados pela “tradição” política vigente entre os atores. Poucos questionamentos tendem a romper com este aspecto estrutural na comunidade, apesar da performance, isso aparece bem conformado nas relações sociais, exemplo disso é a diferença, a comunidade local continua ordenada por gerações de homens enquanto se estabelecem nos espaços de prestígio e status como dos palcos, abafando a partilha entre os gêneros. Mesmo que frequentemente observemos práticas que caracterizam subversão pelos Headbangers, isso não abranda a sufocante conformidade da diferença entre eles de gênero e sexualidade. Evidência que Santos (2019) reconhece operar ações do tipo muitas vezes subjetivas e, portanto, não objetivas de empecilhos as mulheres atuarem enquanto protagonistas também dos shows de Metal. A presença feminina nos shows é pouca e

demasiadamente inconsistente, ao passo que segundo as leituras dos homens sobre as mulheres são enquadradas como adorno a comunidade.

Conforme Ian Christie (2010) reconhece o Heavy Metal se consolidou de diversas maneiras e a mais que se acentua no seu processo histórico é a masculinidade hegemonicamente dominante, esta afirmação no empírico nega qualquer possibilidade de emancipação para eles, por não acreditar que exista política na forma com que se relacionam uns com os outros, o que leva alguns membros reconhecerem a comunidade como algo novo e exclusivo, ahistórico. Embora os rituais de interação demonstrem ampliação do poder simbólico (Bourdieu, 1989) nas relações de seus participantes, as situações caracterizadas em contexto ritual instituem por um lado, a performance subversiva e por outro lado, a conformidade da prática ao realinhamento.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de todo histórico de caráter subversivo que jornalistas e historiadores concatenaram aos membros do Heavy Metal, vale questionar até que ponto estas práticas no empírico se sustentam. Este estilo musical e de vida se sustenta enquanto rebelde em projetar constantemente a máxima de subversão dos símbolos sagrados e crítica ao *status quo*, fato que se repete ao longo dos anos, do qual estive analisando desse fenômeno social, embora não completa, quando não se produz mudança suficiente na estrutura para fazer jus ao termo de subversão. É o realinhamento das práticas que assegura aos membros da comunidade manterem este tipo de estilo de vida masculinizado e auto emulado.

O Heavy Metal, historicamente já demonstrava uma tendência exacerbada da masculinidade, apresentando competições e disputas pelo poder no campo, realizado entre os homens como se não houvesse diferenças de gênero na comunidade, e de fato, isso não pode ficar oculto. Pois o realinhamento aparece enquanto um aspecto contraditório ao Headbanger, porque a prática política da identidade ora se apresenta municiada de todos mecanismos para produzir mudança e ora reproduz o que impossibilita sua virada estrutural.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a antropologia do ritual pode tratar também da estrutura, seja por meio de processos rituais de realinhamentos, ou seja, por ritos de passagem que esta comunidade mobiliza aos seus atores (Turner, 1974 & Gluckman, 1971). Entretanto, há possibilidade dessas situações variarem de acordo com as dinâmicas sociais, bem como reproduzirem se em diferentes contextos experienciados, como por

exemplo, do período eleitoral em que muitos membros se revelaram simpatizantes as ideias conservadoras, fato constatado no discurso dos mais velhos aos jovens da comunidade.

A irrealização das práticas subversivas dos homens e jovens desse meio como ação política, revela as formas sutis de conformar e manter-se na vida social dominando por mais tempo, tornando esta prática mais complexa e cheia de significados que tomam a atenção pela rebeldia e não pelo caráter revolucionário. Conforme Bourdieu (1999, p. 33) reconhece a dominação masculina encontrou todas as formas possíveis de se manter dominante, “a primazia universalmente concedida aos homens é afirmada na objetividade das estruturas sociais e nas atividades produtivas ou reprodutivas”, baseadas na divisão sexual, reprodução biológica e social, concedeu aos homens o melhor, assegurados historicamente mediante a violência simbólica que estes exercem constantemente.

Portanto, Bourdieu afirma, a reprodução da organização dos atores são formas de percepção de pensamentos e ações de todos os membros da sociedade, aspecto caracterizado pelo autor como transcendente a história, com efeito disso, são compartilhados universalmente, se impondo a cada ator social. Isto nos leva a refletir que não basta dizer que há política de gênero na comunidade mais quem são os atores que estão mobilizando estes mecanismos de ocultamento das diferenças, através das relações de poder que operam na vida social, repetem as relações também estruturais de dominação (BOURDIEU, 1992).

A teoria ritual identificou ao longo da minha pesquisa que a ideia de subversão se fez incompleta no empírico na convivência com os participantes desse estilo de música, especialmente, em organizar uma pauta política que reveja tais práticas masculinas e possibilite mudanças internas e externas ao espaço de prestígio e status social dos eventos. Por fim, tentei por meio de um debate maior, encontrado entre os clássicos da disciplina pensar na estrutura e que esta análise ritual dessa natureza fornece bons elementos para se discutir e investigar os fenômenos sociais contemporâneos que aparecem pouco nos trabalhos acadêmicos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. (1987). **Coisas ditas**. Coisas ditas São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**; tradução: Fernando Tomaz. Rio de Janeiro; Editora Bertrand Brasil. S. A. 1989.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.1999

\_\_\_\_\_. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva. 1976

FREHSE, Fraya. **Erving Goffman, sociólogo do espaço**. Revista brasileira de Ciências Sociais. VOL. 23 N. 68, 2008

GLUCKMAN, Max. **Rituais de rebelião no sudeste da África**. Traduzido: Italo Moriconi Júnior do original: "Rituals of Rebellion in South-East Africa", in: Gluckman, Max. Order and Rebellion in Tribal Africa, Cohen & West, London, 1963 re-impressão de 1971. Brasília. Editora: UnB 2011.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. SP; LTC, 1988.

\_\_\_\_\_. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011. 255

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na Pós-Modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAHN-HARRIS, Keith. **The 'Failure' of Youth Culture: Reflexivity, Music and Politics in the Black Metal Scene**. European Journal of Cultural Studies, vol. 7, 1: pp. 95-111, First Published Feb 1, 2004

\_\_\_\_\_. **Extreme Metal: Music and Culture on the Edge**. Oxford: Berg Publishers, 2007

OLSON, Benjamin Hedge. (2008) **I am the black wizards: Multiplicity, Mysticism and Identity in the Black Metal Music and Culture**. USA: Bowling Green State University.

PACHECO, Leonardo Turchi. **Som de Macho: identidade, alteridade e masculinidade entre os Headbangers?** In: 3º Encontro Norte-Mineiro de Cientistas Sociais, 2006, Montes Claros. 3º Encontro Norte-Mineiro de Cientistas Sociais, 2006.

SANTOS, M, M. **Como se faz um Headbanger? entre conversas e narrativas dos jovens Headbangers em Campina Grande**. (Monografia) - Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande, 2018

\_\_\_\_\_. **Tensões e pretensões: performance e ritual entre Headbangers Campinenses-PB**. In: XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, Porto Alegre. 2019

\_\_\_\_\_. **Identidade Headbanger: tensão e (des)harmonia no Heavy Metal (Campina Grande-PB)**. In: I Congresso Internacional de Ficção Especulativa" (CONIFE) e "II Congresso Internacional de Ficção, Identidade e Discurso" (CONIFID), Maranhão. 2020

SANTOS, Taís Vidal dos. **O true contra o poser: um estudo das condições e contradições de ser e fazer metal underground na cidade do Salvador**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

SENA, R. S. **Da transgressão ao conservadorismo: a escalada da extrema direita na cena Metal**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2019.

SILVA, Wlisses James de Farias. **Heavy Metal no Brasil: Os incômodos perdedores (década de 1980)**. Tese de Doutorado em (História Social) da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo do Programa de Pós-Graduação em História. 2014

TURNER. V. (1967). **Floresta de símbolo: aspectos do ritual Ndembu**. Niterói: EDUFF, 2005

\_\_\_\_\_. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. Petrópolis: vozes, 1974.

WEINSTEIN, Deena. **The empowering masculinity of British heavy metal**. In: BAYER, Gerd (ed.) *Heavy Metal Music in Britain*. Farnham (ING): Ashgate, 2009. 201

## DOCUMENTÁRIOS

CLINGER, Carlos. **Debate: Religião, Política e Atitude no Metal**. 2017. Acessado em 04 de julho de 2020. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=e8gVgRZrO0E>

CLINGER, Carlos. **Política ou heavy metal. Qual é a sua bandeira?** 2019. Acessado em 04 de julho de 2020. Link: [https://www.youtube.com/watch?v=Fl\\_BCOFMr5w](https://www.youtube.com/watch?v=Fl_BCOFMr5w)

CLINGER, Carlos. **A política está desunindo o Heavy Metal?** 2016. Acessado em 04 de julho de 2020. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=HeT1hO5D6E0>

## SITES CONSULTADOS

**Movimento resistência underground.**

[www.facebook.com/mov.resistencia.underground/](https://www.facebook.com/mov.resistencia.underground/). Acessado em 4 de julho de 2020.